

# TERRITÓRIO E MEMÓRIA COLETIVA NA AMAZÔNIA PARAENSE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Fernanda Cristine dos Santos Bengio<sup>1</sup>

Rafaele Habib Souza Aquime<sup>2</sup>

Fernando Jorge dos Santos Farias<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste texto apresentamos parte de pesquisa em andamento acerca da memória coletiva e processos migratórios. Objetivando compreender como a literatura tem tratado os mecanismos de construção e obliteração da memória coletiva face às circunstâncias de territorialização produzidas em espaços singulares, sobretudo na Amazônia paraense, realizamos uma pesquisa bibliográfica do tipo narrativa. A compreensão do território como espaço dotado de determinadas características materiais e imateriais, permite indagá-lo como campo fértil de inteligibilidade na formação das relações intersubjetiva e intrassubjetivas. Além disso, o estudo da memória coletiva auxilia na compreensão das continuidades e descontinuidades das narrativas históricas dos sujeitos que habitam os espaços. A problematização dos territórios existenciais na relação de sujeição que impõe a determinados sujeitos a invisibilização dos seus modos de vida possibilita a construção de agenciamentos inventivos que promovam visibilização dos saberes locais, aspecto pertinente para intervenções no território sob o viés dialógico e transversal.

**Palavras-chave:** Memória coletiva; Amazônia; Território; Subjetividade.

## 1 INTRODUÇÃO

O território amazônico é mundialmente conhecido por sua riqueza natural de grande importância para o equilíbrio ambiental de nosso planeta. A maior parte da Amazônia brasileira concentra-se na região norte do país, área marcada, como acentua Souza (2012), por intensos fluxos migratórios e conflitos territoriais decorrentes da exploração sistemática desta região. Com o objetivo de compreender como

---

1 Doutora em Psicologia, Professora na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. *E-mail:* feben-  
gio@ufpa.br.

2 Doutora em Psicologia, Professora na Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus de Tomé Açu. *E-mail:* rafa-  
le.habib@gmail.com.

3 Doutor em Educação, Professor na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. *E-mail:* ffarias@  
ufpa.br.

a literatura tem tratado os mecanismos de construção e obliteração da memória coletiva face às circunstâncias de territorialização produzidas em espaços singulares, sobretudo na cidade de Altamira, situada no Sudoeste do Pará e na Amazônia paraense, esta pesquisa se lança no imbricado desafio de problematizar o território, compreendido como um espaço dotado de determinadas características materiais e imateriais, o qual desenha um campo fértil de inteligibilidade da formação das relações intersubjetiva e intrassubjetivas. Assim, a memória coletiva se caracteriza como valioso dispositivo para compreender as continuidades e descontinuidades das narrativas históricas dos sujeitos que habitam os espaços, oportunidade para também serem interrogadas formas atuais de governo de determinado recorte da população.

Ao considerarmos que esta pesquisa está situada no campo da Psicologia Social, na sua condição de abertura ao *pensamento complexo* (MORIN, 2005), recorremos a conceitos das Ciências Sociais e Humanas a fim de construir análises relevantes. Morin (2005, p. 14) afirma a necessidade de romper com o isolamento que os especialismos produzem, pois “precisamos enfrentar a complexidade antropossocial, e dissolvê-la ou ocultá-la”. Nessa mesma esteira, concordamos com Bosi (2003, p. 41) quando destaca o processo de “renovação” da Psicologia graças ao debate de disciplinas como “Antropologia e História Social”. Trata-se, conforme a autora, de cruzar as fronteiras da Psicologia.

A constituição do modo de vida do sujeito, grupo, população, comunidade ou afins é sempre um acontecimento complexo, o qual se relaciona tanto a aspectos macro, quanto às questões micro de suas realidades. A multiplicidade de experiências e encontros se efetua por diferentes intensidades, e produz, dentre outras coisas, a singularidade dos modos de ser. De modo geral, compreender essa situação contribui para a promoção do respeito às diferenças e adensa o debate acerca da equidade nas políticas públicas como um todo.

Diante disso, questionamos como tem se dado a construção das memórias coletivas nos territórios amazônicos, a partir dos processos de territorialização produzidos por empreendimentos econômicos de médio e grande porte. Trata-se de pesquisa em andamento e, desta maneira, o texto apontará para discussões iniciais, que se concentram sobre a relação entre memória coletiva e territorialidade. Almejamos que esta pesquisa possa enriquecer o debate sobre memória coletiva, sublinhando os processos micropolíticos de constituição dos sujeitos, além de construir intersecções potentes no campo de intervenção da Psicologia, considerando o espaço-território como múltiplo e um forte dispositivo de produção de subjetivação, com seus possíveis, mediante um cenário de invisibilização dos saberes locais e memórias coletivas de caráter dissidente. Assim, realizamos uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, a fim de descrever a relação entre memória coletiva e processos de territorialização produzidos em movimentos migratórios, buscando compilar as principais produções desse recorte. Conforme Rother (2007) e Casarin et al. (2020), revisões narrativas objetivam produzir um resumo da literatura ou caracterizar o estado da arte sobre um assunto, permitindo, com esse fim, identificar as principais lacunas sobre ele.

As análises dos materiais selecionados, que deram origem a esse artigo, partiram da arqueogenealogia pautada nas discussões de Michel Foucault quanto às relações de saber-poder-verdade e das contribuições da escola francesa de Análise Institucional, considerando as proposições de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Tal configuração metodológica nos auxiliou na construção de uma abordagem “teórico-metodológica flexível” (VASCONCELOS, 2013, p. 44), que nos leva a refletir sobre a micropolítica do cotidiano, pois,

O problema é, ao mesmo tempo, distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. (...) aquilo que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina é belicosa e não linguística (Foucault, 2015, p. 40-41).

Desse modo, essa arqueogenealogia funciona como um conjunto de ferramentas que viabilizam a problematização das condições de existência dos discursos, bem como da naturalização das práticas de poder sustentadas por determinados discursos. Assim, fica-nos notório que o que está em jogo neste fazer é a historicidade dos dispositivos que atravessam os corpos, modulam relações e produzem modos de ser.

## **2 MEMÓRIA COLETIVA, TERRITÓRIO E SUBJETIVAÇÃO**

A complexidade da relação entre memória coletiva, espaço e território na Amazônia é marcada pelo uso predatório dos bens naturais e pela existência de movimentos migratórios intensificados durante intervenções denominadas pela história e geografia de Grandes Projetos. Não são apenas as paisagens dos lugares que são transformadas com estes acontecimentos, mas o próprio espaço e as noções de territorialidade passam a ser redefinidos. As memórias em disputa não apenas sinalizam as tensões territoriais, mas incidem nas novas fronteiras que passam a ser estabelecidas, seja pela afirmação ou esquecimento.

Michel Foucault (2015) aponta a importância de compreender o funcionamento das relações de saber e poder que produzem verdades para que seja possível pensar uma ontologia dos sujeitos, a qual não diz respeito a “categorias universais” (NOTO, 2009, p. 44), porém a uma analítica das formações singulares dos modos de ser a partir do entendimento da história do presente. O campo de força discursiva que afirma verdades e produz múltiplas relações se faz presente nas palavras, nas coisas, nas formas, na organização do espaço com seus objetos e sentidos. Trata-se do que Foucault (2010) chama de práticas discursivas e não discursivas, as quais podem ser analisadas também sob a alcunha de dispositivo.

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 2015, p. 364).

Em concordância com este escopo é importante observar com atenção as condições materiais de vida dos sujeitos, pois elas trazem consigo o espectro da vida imaterial que permeia o cotidiano de cada um de nós. Thum (2017) afirma que “a vida se faz a partir de relações com *entre* e *com* os outros em um território” (p. 167), ampliando a crítica dos modos de vida para além das práticas imateriais dos sujeitos e grupos, considerando também a ocupação física e simbólica do espaço. Este entendimento posiciona-se como analisador da separação entre natureza e cultura, inserindo no debate sobre práticas culturais, território e modos de vida, importantes dispositivos de produção de subjetividades e modos de ocupar os espaços, como o espaço físico e simbólico.

Os modos de subjetivação são acontecimentos históricos, políticos e culturais que agenciam os sujeitos e suas vidas, produzindo os modos de existir em sua multiplicidade. Nesta perspectiva a subjetividade não deve ser tomada como essência, mas como uma tentativa de parada do processo permanente e intenso de “estar sendo” dos sujeitos na interface com os acontecimentos micro e macropolíticos.

Ainda sobre os lugares e os modos de vida, Deleuze e Guattari (2010) apresentam o conceito de afeto como aquilo que acontece ao sujeito, como algo que produz um encontro e esse pode ocorrer com qualquer coisa, pessoa, situação. Um encontro pode ser com a luz, com um filme, com uma árvore, um animal, com o outro e por aí em diante. Encontros são situações que mobilizam no sujeito determinadas forças, que podem ser traduzidas em uma linguagem spinoziana, como encontros tristes e encontros alegres. Resumidamente, os encontros alegres potencializam a vida na arte da singularização; e os encontros tristes são tudo aquilo que esvazia a vida, que tolhe as possibilidades dos sujeitos de diferirem, acomodando os modos de ser em pequenas caixas de normalização.

Estes encontros ocorrem em determinado espaço e seus desdobramentos conduzem à reorganização das fronteiras do eu e do outro. Para Foucault (2013) e Certeau, Giard e Mayol (2013) as relações dos sujeitos com os objetos, natureza e demais elementos que constituem o lugar é o que produz o espaço. Por conseguinte, a noção de território pode ser compreendida como um espaço dotado de determinadas características materiais e imateriais, no qual a questão da memória coletiva se avizinha ao território existencial.

Para Guattari (2012), o território é existencial, pois é onde o sujeito se constitui de modo transversal. E isso só é possível pois o lugar trata de objetos organizados em um recorte geográfico, porém com ausência de sentido; e o espaço, por seu turno, indica as relações imanentes entre os objetos, sujeitos e recorte geográfico (CERTEAU;

GIARD; MAYOL, 2013). Considerar esta relação impõe uma perspectiva problematizadora dos modos de habitar o território.

Pelas histórias de lugares, eles se tornam habitáveis. Habitar é narrativizar. Fomentar ou restaurar esta narrativa é, portanto, também uma tarefa de restauração. É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas que jazem de vez em quando num simples nome, dobradas neste dedal como as sedas das feiticeiras (Certeau; Giard; Mayol, 2013, p. 200-201).

As compreensões de Foucault (2013, p. 19) nos levam ao entendimento de que “não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel” e a heterogeneidade do espaço e sua intensidade como dispositivo de subjetivação reside na multiplicidade das relações que o compõe. Portanto, o espaço é esta região onde a vida material e imaterial acontece, produzindo territórios existenciais que o sujeito habita e narrativiza. Local de histórias e memórias onde são experienciados acontecimentos cotidianamente. É nessa direção que a memória coletiva deve ser observada com maior cuidado, uma vez que diz respeito às relações entre o espaço e os sujeitos e destes entre si.

### **3 VARIAÇÕES CONCEITUAIS: MEMÓRIA COLETIVA E TERRITORIALIDADE**

Considerando os materiais que abordaram a relação da memória coletiva com o espaço habitado, a partir do relato oral, foi possível identificar que o tema da memória coletiva não possui variação epistemológica, tendo como principal referência Maurice Halbwachs. Contudo, três aspectos sobre a memória coletiva nestas pesquisas se destacam: *acesso, produção e usos*.

A questão do acesso é colocada a partir da problemática das ferramentas de pesquisa. Debate que adentra os meandros da História Oral, ora como método, ora como campo específico da historiografia (HOLANDA, 2010; SHENATO, 2014; SOUZA, 2016; SANTOS, 2018). A importância da oralidade como aspecto crucial da transmissão e construção da memória coletiva é indicada por Nunes (2011) ao analisar o caso de uma comunidade pesqueira em Aracaju, Sergipe.

A problematização do acesso à memória coletiva toca diretamente na condição de sua produção, onde se considera que além do relato oral, há o território e sua fisicalidade como potentes perpetuadores de memórias (MARQUES, 2006; MEDEIROS, 2013; OLIVEIRA, 2017). Lagares (2009) afirma que a memória coletiva é produzida por um poder simbólico que agrega e realça determinados valores socio-culturais. Já Freire (2010) coloca que a negociação do que se pode/se quer lembrar e esquecer para a constituição da memória coletiva, logo, para este autor, não se trata de um processo natural. Desta mesma maneira Bitencourt (2014) afirma que existem múltiplos agenciamentos que compõe a memória coletiva. Silveira e Soares (2012)

discutem esse acontecimento a partir das transformações urbanas e das histórias fantásticas na capital paraense.

A memória coletiva também tem sido pensada a partir de seus usos e desdobramentos que daí emergem. Lima (2008) assinala a hercúlea tarefa de apartar a memória coletiva da individual, situando a importância da memória coletiva para a “coesão social afetiva” (p. 86).

A memória como disputa de afirmação de distintos modos de ser e habitar é sublinhado por Souza (2016), Marques (2006), Arosteguy (2018) e Paganini (2018). E a multiplicidade de seus usos é demarcada como uma prática de poder e de conflito com o outro, ou seja, com a alteridade (Souza, 2016; Borges, 2020; Alves, 2019). Ferreira (2018) situa a memória coletiva sob o enquadre de “classe social”, o qual também denota o aspecto conflitivo que atravessa o tema.

Quanto a condição da territorialidade, persiste algum nível de variação conceitual. Souza (2012) e Szekut (2018) compreendem territorialidade como um conjunto de traços materiais e imateriais da identidade social e individual dos sujeitos, concepção essa que se aproxima bastante da proposta de Jörg (2017) e Rezende (2010) que colocam as formas de expressão do humano ao lado do que compreendem como territorialidade. Santos (2010) salienta que o território é construído a partir da apropriação que os sujeitos fazem dele, ou seja, dos modos de habitar/ocupar o lugar.

Xavier (2013), ao separar espaço social e territorialidade afirma que o primeiro é investido do domínio psicossocial, enquanto o segundo, por uma instância física, cultural e histórica. Rodrigues (2013) assinala a condição material de vida dos sujeitos como fator essencial na análise das práticas culturais, sobretudo ao se tratar da formação identitária dos indivíduos.

As concepções que partem diretamente da Geografia, apontam a diferença entre espaço e território. Ramos (2018), por exemplo, define territorialidade apenas como a parte “simbólica” do território. Sanches (2017) elenca algumas categorias para analisar estes conflitos, como territorialidades bélicas e territorialidades étnicas. Para Tavanti (2018) o território desdobra-se em dois níveis de dominação: a político-econômica e a subjetiva que se apresenta pela via cultural e simbólica.

Para Moreno (2014), a diferença que deve ser observada é entre territorialidade e territorialização, considerando a territorialidade como a delimitação político-administrativa do espaço e territorialização como a estruturação e reestruturação das formas culturais de ocupar o espaço. Essa concepção vai ao encontro das problematizações que tratam da territorialidade relacionada aos processos identitários, tal qual sinaliza Duarte (2017), enquanto Silva (2018) afirma que território “é o espaço apropriado por uma determinada relação social” (p. 53).

Souza (2013) aponta a importância de considerar os fluxos migratórios no estudo da territorialidade, no contexto do crescimento urbano e modernização do lugar. Assim, para este autor o “território é configurado de muitas territorialidades” (p. 109), lugar de muitas histórias e memórias. Nesta direção, Yade (2015) afirma que “territorialidade é o lugar onde essas memórias se corporificam” (p. 67). Por fim,

destacamos que a condição do deslocamento ou migração de modo não voluntário é abordado por Amorim (2019), frente a discussão da colonialidade.

## **4 MEMÓRIA COLETIVA, TERRITORIALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

A partir dessas múltiplas definições, é possível inferir que existe relação íntima entre memórias e territórios, mesmo diante de certa heterogeneidade conceitual. Destaca-se recorrentemente o dispositivo da identidade social e práticas culturais tradicionais mantidas pela tradição oral em contraposição às transformações da modernidade no recorte da urbanização e desenvolvimento econômico, pautado por empreendimentos de médio e grande porte.

A interferência dos usos mercantilistas e predatórios dos recursos naturais na Amazônia paraense possui forte relação com os modos de organização do capital. Santos (2011) afirma que nas relações com o dinheiro globalizado, percebe-se conflitos e disputas, porque o dinheiro global é fluido, abstrato, mas, também, despótico, impondo normas, adaptações, racionalidades próprias do empresariado e dos governos mundiais. A presença das empresas globais torna-se um fator de desorganização, desagregação, justamente por fomentar interesses individualistas e particularistas.

Ao pontuar a migração como analisador das formas de territorialização, Souza (2013) reforça a questão acima levantada por Milton Santos (2011), uma vez que a maior motivação destes fluxos de deslocamentos humanos se encontra na intersecção do desenvolvimento econômico. O fenômeno da migração humana é uma prática milenar, e contemporaneamente se inscreve como um direito humano, ou seja, está contemplado em um dispositivo liberal que se liga às transformações dos modos de governar as populações que datam, mais ou menos, do século XVIII.

A emergência do debate cultural no âmbito das identidades sociais e culturais como elementos que também compõe o corpus de ações dos Direitos Humanos, traz para a centralidade desta pesquisa o que Canclini (1995) descreve como Hibridismo Cultural, além de elementos da pós-modernidade detalhados por Hall (2011) sobre o descentramento das identidades.

Contudo, os efeitos do *giro decolonial* (BERNARDINO-COSTA; GROSFÓ-GUEL, 2016; BALLESTRIN, 2013; ALVES; DELMODEZ, 2015) como um conjunto teórico-prático de análise da organização social e seus efeitos nas vidas dos sujeitos, impõe que se olhe com cautela discursos que se fecham na “diversidade harmoniosa” como acontecimento naturalmente produzido.

As *referências culturais* (IPHAN, 2003) de um grupo social e de um indivíduo não são estáticas. Portanto, é rasteiro pensar que elas se formam sem conflitos ou fora de relações marcadas por tensões e múltiplos interesses. Ao nível sociocultural mais especificamente, é interessante notar como os grupos e indivíduos se organizam (agem, pensam, sentem e expressam esses sentimentos e justificam suas atitu-

des) a partir de determinadas referências culturais, as quais vão formar o que alguns autores denominam como identidade.

Tomando as identidades como dispositivos de produção das subjetividades e as memórias em relação direta com o território (aspectos materiais e imateriais), é desenhado importante campo de análise transdisciplinar sobre os modos de vida dos sujeitos. E a partir daí, é possível sugerir modos de cuidar e atender ética, estética e politicamente.

Santos (2011) assevera que o território é o local onde desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do sujeito plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. É o lugar do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais, do exercício pleno da vida, e tem que ser entendido como território usado e *compartilhado* (grifo nosso). Compreendemos que é através disso que se constituem as memórias dos grupos, que são tão importantes para as referências culturais em seu meio.

Halbwachs (1968) situa o conceito de memória coletiva e sua relação com a história no campo da *interdição discursiva*, questão explorada por Foucault (1996, 2010) extensamente. A interdição e rarefação discursiva ocorrem em meio a complexas e dinâmicas relações de saber e de poder, as quais produzem efeitos de verdade (FOUCAULT, 1996; 2010). Neste contexto, problematiza-se *o que e como algo/alguém é lembrado, bem como o silenciamento, ou seja, o que deve ser esquecido? Qual a mecânica do apagamento?* Essas questões, ao que observamos, encontram eco na observância do enunciado sobre a produção da memória coletiva, proposto por Bosi (2003, p. 31) quando destaca que

a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho significado de um significado coletivo.

O território amazônico é um caso incontestado desta questão. Nesse sentido, a construção da rodovia Transamazônica, “A estrada invisível” (SOUZA, 2012), funciona como um analisador, pois vem afetando diretamente as populações locais como as comunidades de pescadores, ribeirinhas, indígenas e quilombolas, desde o seu princípio. Trata-se, portanto, de grupos-sujeitos atravessados por múltiplas forças, impondo necessidades de redesenhar suas fronteiras intersubjetivas constantemente, na medida em que o próprio território tem suas fronteiras político-administrativas transformadas. Esse acontecimento destaca aquilo que a Análise Institucional denomina de *transversalidade*.

Dessa maneira, na ampliação de uma dimensão transversal, a analítica de um grupo se mostra mais conectada a elementos complexos, históricos, sociais, político-econômicos, estéticos..., favorecendo com que esse mesmo grupo tome posse, de uma forma cada vez mais consistente, de sua própria voz (Simonini; Romagnoli, 2018, p. 920).

Olhar o território a partir deste contexto exige a aproximação a saberes que historicamente encontram-se em embates frente às práticas desenvolvimentistas e colonialistas que enquadram as narrativas destas populações como subalternas e não-oficiais. Assim, a memória coletiva deve ser compreendida “comme un élément de compréhension de la construction des territorialités” (SGARD, 2007, p. 106). As dinâmicas sociais materializadas pelo sujeito no seu cotidiano, figuram como agenciamentos coletivos do processo de lembrar e esquecer. As experiências sociais, sejam elas familiar ou não, fornecem pistas importantes para a construção da memória coletiva dos grupos (BOSI, 2003).

Cabe então questionar sobre as histórias e memórias que permanecem ou tentam ser obliteradas na dinâmica dos usos desses territórios. Dergan (2006) situa a memória social (ou coletiva) como importante ferramenta de disputas pelo território. Ele localiza esse debate sob o esteio da multiplicidade do espaço e as relações sociais a ele imanentes. Halbwachs (1968) explica que a memória coletiva é um dispositivo social multifacetado, situando a relação entre memória e espaço como inerente à ideia de pertencimento e constância de determinadas relações. Nesse sentido, a memória coletiva de grupos-sujeitos se constrói tanto pelas relações afetivas quanto pelas relações materiais com o espaço.

Foucault (2013) também aponta que não se vive em um quadro em branco, que os modos de subjetivação dos sujeitos se dão, dentre outros aspectos, por meio da condição micropolítica em que as relações são tecidas. A complexidade da relação entre memória coletiva, espaço e territorialidade na Amazônia é marcada pela exploração violenta e desigual dos bens naturais e por fluxos migratórios intensificados durante intervenções denominadas pela história e geografia de Grandes Projetos. Não apenas as paisagens dos lugares que são transformadas, mas o próprio espaço passa a ser redefinido. Com isso, as memórias em disputa não apenas sinalizam as tensões territoriais, mas incidem nas novas fronteiras intersubjetivas que passam a ser estabelecidas. A construção de memórias enquanto atividade coletiva não precisa se resumir à condição identitária. Com esse entendimento, é favorável pensar como diferentes sujeitos colidem e compartilham narrativas sobre o lugar, produzindo o espaço como lócus de sociabilidades distintas.

Parte dos dados levantados na literatura indicam a relação intrínseca entre memória coletiva e as relações que os sujeitos estabelecem com o espaço, configurando o território não como matéria inanimada, mas como trama singular de afetos e encontros dos corpos. Por sua vez, este quadro sinaliza como a tecitura da memória coletiva dos *grupos-sujeitos* (GUATTARI, 2004) se dá em espaços de disputas narrativas e construção de sentidos a partir da complexidade do espaço, isto é, o território subjetivo e modulador das subjetividades, ou ainda, dos processos de territorialização.

Na interface deste debate junto à Psicologia, os territórios existenciais que vão se configurando possibilitam inquirir as formas de sujeição dos corpos e os lugares que determinados sujeitos têm ocupado na Amazônia paraense, em tempos de exaltação de práticas econômicas que, constantemente, subalternizam determinados corpos. Deste ‘modo, são criadas vias de possibilidades para o exercício de práticas dialógicas e

transversais pautadas pelo do cuidado de si e dos outros (FOUCAULT, 2014), reivindicando também a construção coletiva de fazeres e saberes éticos, estéticos e políticos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve o objetivo de apresentar parte de pesquisa em andamento, a qual se debruça sobre os artifícios de construção da memória coletiva na cidade de Altamira, considerando empreendimentos econômicos de forte impacto na região, sobretudo no que tange à migração de sujeitos para a Amazônia paraense. Estes se situam como importantes elementos nos embates que afirmam a memória coletiva, a qual, por sua vez, é construída no cotidiano, mediada pelo contexto material e imaterial dos grupos-sujeitos, tanto macro quanto micropoliticamente.

Esta breve revisão de literatura nos indica que existe um debate amplo sobre a relação entre memória coletiva, território e migração, contudo, poucas pesquisas têm sido produzidas no âmbito destas questões, quando se pauta a Amazônia Paraense ou a cidade de Altamira como centro de análise. Isso indica, em nossa observação, a necessidade da ampliação deste tipo de estudo, uma vez que muito se fala sobre a Amazônia, mas pouco se escuta o que os grupos-sujeitos que a constituem têm a dizer sobre eles mesmos.

Consideramos que esta é uma questão central para a cidade de Altamira, cidade emblemática no centro da Amazônia Paraense, pois a significativa expansão urbana deste território está relacionada com a abertura da rodovia Transamazônica durante o governo civil-militar e o projeto de “colonização” coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e com a construção da usina hidrelétrica (UHE) de Belo Monte, décadas mais tarde. Essa expansão urbana veio acompanhada por um número significativo de trabalhadores de outros estados do Brasil, sobretudo do Nordeste e Sudeste.

Ocupar-se dos sujeitos, de suas histórias e memórias possibilita a visibilização de saberes e poderes cotidianos locais. Abre-se oportunidade também para o exercício da experiência daqueles que tecem narrativas a partir de suas lembranças e daqueles que as organizam em formatos institucionais. Esse exercício é o que permite aos sujeitos se ver diferentemente do que são. É o que leva à singularização.

Compreendemos como fundamental a parceria e a presença partícipe da Universidade como elemento de vizinhança na horizontalidade e transversalidade de diálogos e na produção do fazer científico ético, estético e político. Portanto, almejamos que esta pesquisa possa enriquecer o debate sobre memória coletiva, ao destacar os acontecimentos micropolíticos de constituição dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cândida Beatriz; DELMONDEZ, Polianne Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. *Rev. psicol. polít.*, v. 15, n. 34, p. 647-661, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n34/v15n34a12.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2022.

ALVES, Heliana Castro. Colonialidade do saber e conflitos de memórias no espaço público. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 195-200, 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29050](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29050). Acesso em: 19 mai. 2022.

AMORIM, Genoveva Santos. **Entre viajar e morar**: narrativas sobre a territorialidade Kulina. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

AROSTEGUY, Agustín. **Território e Experiências Culturais**: Apropriações do Lazer em dois “Pontos de Cultura” de Belo Horizonte/MG. 2018. Tese (Doutorado, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, 2018.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 11. Brasília, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069/1827>. Acesso em: 19 mai. 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31. n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BITENCOURT, Paulo Ricardo. **Memórias dos Cacerolazos**: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

BORGES, Joyce de Almeida. **Saberes sociais e memórias de territórios camponeses em Goiás**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.

CASARIN Sidnéia Tessmer, PORTO Adrize Rutz, GABATZ Ruth Irmgard Bartsch, BONOW Clarice Alves, RIBEIRO Juliane Portella & MOTA Marina Soares. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do **Journal of Nursing and Health**. **J. nurs. Health**, 10(n. esp.), 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 15 mai. 2022.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano 2**: Morar, Cozinhar. 12ª edição, Editora Vozes, Petrópolis – Rio de Janeiro, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo, Editora 34, 2010.

DUARTE, Mariana Falcão. **Figuras do dissenso**: a subjetivação política na construção de novas memórias para a cidade de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERREIRA, Deocleciana. **Fazenda da Juta/SP: uma trilha entre o rural e o urbano – trajetória de luta e resistência no assentamento de um povo.** 2018. Tese (Doutorado em Serviço Social) Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso.** 11ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo, Edições n-1, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** 3ed. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 2ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Mally Teixeira. **Ocupar, resistir, construir e morar: manguezal berçário de memórias?** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional.** Aparecida/S. P: Idéias & Letras, 2004.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** 2ed. São Paulo, Editora 34, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Vértice, São Paulo, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Ed11, Rio de Janeiro, DP&A, 2011.

HOLANDA, Lúcia, Maria de Souza. **Lugares de memória: Jesuíno Brillhante e os testemunhos do Cangaço nos Sertões do Oeste Potiguar e fronteira paraibana.** 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial - Dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial.** 2. ed. Brasília-DF, 2003. (RPI).

JÖRG, Simone. **Clínica da Identidade: Da cosmovisão pataxó à luta por emancipação.** 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

LAGARES, Mirne-Glayde. **A festa de São João Batista [manuscrito]: da Genealogia dos Lugares às Redes Sociais e a (re)Conformação do Território.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

LIMA, Maria Dorotéia. **Ver-o-Peso, Patrimônio(s) e Práticas Sociais: Uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal**: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MEDEIROS, Thais Helena. **Redes de sociabilidade e comércio na floresta**: artesanias em palha de tucumã entrelaçam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MORENO, Daniele Cristine Gadelha. **Os quilombolas do Veiga e o São Gonçalo**: memória e identidade na festa e devoção a São Gonçalo no Sítio Veiga. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Editora Sulina, Porto Alegre, 2005.

NOTO, Carolina de Souza. **A ontologia do sujeito em Michel Foucault**. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo, 2009.

NUNES, Shauane Freire. **A pesca artesanal como mediação da relação homem natureza**: permanência e resistência dos pescadores nas comunidades pesqueiras do povoado Mosqueiro/Aracaju-SE. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

OLIVEIRA, Frederico Salomé. **“Aquele vida véia dali num é a vida daqui”**: As Influências da Igreja Católica e as Consequências da Modernidade e Urbanização na Religiosidade dos Antigos Moradores do Povoado Canela, em Palmas-TO. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista de “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2017.

PAGANINI, Vera Lúcia Alves Mendes. **Formação política e resistência**: Uma experiência contra-hegemônica na Prelazia de São Félix do Araguaia. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

RAMOS, Eliane Netrebka. **A dinâmica territorial do patrimônio da ferrovia no ramal do Paranapanema (PR)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-graduação em Gestão do Território Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

REZENDE, Paulo Sérgio. **A constituição identitária de refugiados em São Paulo**: moradias na complexidade do ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. **Professoras aposentadas em território rural/ribeirinho**: identidades e práticas socioculturais. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** v.20, n.2, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 14 mai. 2022.

SANCHES, Andrés.Garcia. **Territorialidades em disputa:** Cocomacia, “posconflicto” y resistencias en el Medio Atrato, Colombia. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SANTOS, Edson Luís. **Veredas da informação em culturas de tradição oral:** a esfera encantada das bibliotecas vivas. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha; SILVA, Carlos Alberto Franco (Orgs.). **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2011.

SANTOS, Marilécia Oliveira. **O viver na “Cidade do Bem”:** tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio na Boa Viagem/BA. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SGARD, Anne. **Mémoires, lieux et territoires.** Géographie sociale, p. 105-117, 2007. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00325130>. Acesso em: 14 mai. 2022.

SHENATO, Vilson César. **Identidades, diferenças e tensões:** Um estudo sobre o campesinato em contextos sociais rurais do Sul e do Nordeste brasileiro. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

SILVA, Lais Jaqueline. **A casa que hoje sou:** um estudo sobre os elementos visuais e simbólicos presentes nas moradias das mulheres da ocupação Armênia. 2018. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Programa de Pós-graduação em História da Arte, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu; SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araújo. As paisagens fantásticas numa cidade amazônica sob o olhar dos taxistas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 153-252, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300009>. Acesso em: 15 mai. 2022.

SIMONINI, Eduardo & ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Transversalidade e Esquizeoanálise. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 3, p. 915-929, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p915-929>. Acesso em: 16 mai. 2022.

SOUZA, César Augusto Martins de. **A Estrada Invisível:** memórias da Transamazônica. 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana.** 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Cleide de Lima. **Conflito e enfrentamento diante de mudanças ambientais decorrentes da construção de barragem: memória coletiva e pesca artesanal no lago UHE de Tucuruí/PA.** 2016. Tese (Doutorado em Ecologia Aquática) – Programa de Pós-graduação em Ecologia Aquática, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SZEKUT, Andressa. **Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai: memórias, representações e territorialização.** 2018. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

TAVANTI, Roberth Miniguine. **A rebelião das andorinhas: saraus como manifestação político-cultural na zona sul de São Paulo.** 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

THUM, Carmo. Povos e comunidades tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de visibilidade. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 162-179, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.6899>. Acesso em: 30 abr. 2022.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria. **A infâmia de Quincas: (Re)Existências de corpos em tempos de biopolítica.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

XAVIER, Glauber Lopes. **Os assalariados rurais urbanizados: sobre o fenômeno urbano e os trabalhadores rurais na alta modernidade – Goianésia, Goiás.** 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

YADE, Juliana de Souza Mavoungou. **Vozes e territorialidades no pós-abolição: histórias de famílias e resistência identitária – o caso do Curucuruquara.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

## **TERRITORY AND COLLECTIVE MEMORY IN THE AMAZON REGION OF THE STATE OF PARÁ: BRIEF CONSIDERATIONS**

**ABSTRACT:** In this text we present part of the ongoing research on collective memory and migratory processes. Aiming to understand how the literature has dealt with the mechanisms of construction and obliteration of collective memory in the face of the circumstances of territorialization produced in singular spaces, especially in the paraense Amazon, we executed a bibliographic research of the narrative type. The understanding of the territory as a space endowed with certain material and immaterial characteristics allows us to question it as a fertile field of intelligibility in the formation of intersubjective and intrasubjective relationships. In addition, the study of collective memory helps to understand the continuities and discontinuities of the historical narratives of the subjects who inhabit the spaces. The problematization of existential territories in the subjection relationship that imposes on certain subjects the invisibility of their ways of life enables the construction of inventive agencies that promote visibility of local knowledge, a relevant aspect for interventions in the territory under the dialogic and transversal bias.

**Key-words:** Collective memories; Paraense Amazon; Territory.

## **TERRITORIO Y MEMORIA COLECTIVA EN LA AMAZÓNIA PARAENSE: BREVES CONSIDERACIONES**

**RESUMEN:** En este texto presentamos parte de la investigación en curso sobre la memoria colectiva y los procesos migratorios. Con el objetivo de comprender cómo la literatura ha tratado los mecanismos de construcción y obliteración de la memoria colectiva dadas las circunstancias de territorialización producidas en espacios singulares, principalmente en la Amazonia paraense, realizamos una investigación de tipo narrativo. La comprensión del territorio como espacio dotado de determinadas características materiales e inmateriales, permite indagarlo como campo fértil de inteligibilidad en la formación de las relaciones subjetivas e intersubjetivas. Además, el estudio de la memoria colectiva ayuda en la comprensión de las continuidades y discontinuidades de las narrativas históricas de los sujetos que habitan los espacios. La problematización de los territorios existenciales en las relación de sujeción que impone a determinados sujetos la invisibilización de sus modos de vida posibilita la construcción de agencias inventivas que promuevan la visibilización de los saberes locales, aspecto pertinente para intervenciones en el territorio bajo la perspectiva dialógica y transversal.

**Palabras clave:** Memoria colectiva; Amazonia; Territorio. Subjetividad.